



ISSN: 2310-0036

Vol. 15 | Nº. 2 | Ano 2024

Medard Biembe

Universidade Católica de
Moçambique
bmedard@gmail.com

Fernando Manuel

Universidade Católica de
Moçambique
fmanuel@ucm.ac.mz

Anna Fontana

Universidade Católica de
Moçambique
anna.fontana@ucm.ac.mz

Geraldo Fernando Vungire

Universidade Católica de
Moçambique
gvungire@ucm.ac.mz



Rua: Comandante Gaivão n° 688

C.P.: 821

Website: <http://www.ucm.ac.mz/cms/>

Revista: <http://www.reid.ucm.ac.mz>

Email: reid@ucm.ac.mz

Tel.: (+258) 23 324 809

Fax: (+258) 23 324 858

Beira, Moçambique

XENOFOBIA NA ÁFRICA DO SUL: Seu impacto nos distritos de Chibabava e Machanga, na província de Sofala

XENOPHOBIA IN SOUTH AFRICA:

Its impact on Chibabava and Machanga districts, Sofala province

RESUMO

Resumo

O presente trabalho tem como objectivo analisar o impacto socioeconómicos da xenofobia ocorrida na África do Sul, nos distritos de Chibabava e Machanga, na província de Sofala, zona centro de Moçambique. O estudo é de natureza qualitativa com recurso a entrevistas dirigidas a quarenta pessoas, sendo vinte para cada distrito. A identificação dos entrevistados foi feita pelo guia local, obedecendo aos critérios de ter passado pela experiência de xenofobia na África do Sul ou ter familiar que tenha vivido tal experiência. Em termos de resultados os entrevistados consideram que a xenofobia é uma ofensiva de expulsão do estrangeiro, atitude de protesto e segregação racial. Entre as causas destaca-se a concorrência salarial, a falta de emprego, a antipatia e o custo de vida; no que tange as razões migratórias temos as questões económicas, culturais e de educação. Em relação às propostas para solucionar este problema, há necessidade de diálogo entre os governos, a valorização do patriotismo e a necessidade de um comportamento fraternal entre os moçambicanos e os sul-africanos, a criação de oportunidades de emprego e a expansão do sistema de educação que possibilite a formação dos jovens para redução do desemprego. De um modo geral, a xenofobia nos distritos em estudo trouxe desgraças nas famílias, perda de entes queridos, perda de bens e a falta de recursos para as famílias.

Palavras-chave: Migração, Xenofobia, África do Sul, Chibabava, Machanga.

Abstract

The present work aims to analyze the socio-economic impact of xenophobia that occurred in South Africa, in the districts of Chibabava and Machanga, in the province of Sofala, central Mozambique. The study is of a qualitative nature, using interviews with forty people, twenty for each district. The identification of the interviewees was made by the local guide, obeying the criteria of having gone through the experience of xenophobia in South Africa or having a family member who has lived such an experience. In terms of results, the interviewees consider that xenophobia is an offensive of expulsion from abroad, an attitude of protest and racial segregation. Among the causes, wage competition, lack of employment, antipathy and the cost of living stand out; with regard to migratory reasons, we have economic, cultural and educational issues. Regarding the proposals to solve this problem, there is a need for dialogue between governments, the appreciation of patriotism and the need for fraternal behavior between Mozambicans and South Africans, the creation of job opportunities and the expansion of the education system that enables the training of young people to reduce unemployment. In general, xenophobia in the districts under study brought misfortunes in families, loss of loved ones, loss of assets and lack of resources for families.

Keywords: Migration, Xenophobia, South Africa, Chibabava, Machanga.

1. Introdução

A migração faz parte da vida humana desde a antiguidade. O Homem busca melhorar as suas condições de vida, razão pela qual, a maior parte das migrações humanas tem sido feitas por razões de trabalho ou de negócios. Contudo, existem também, outras razões que podem explicar este fenómeno social, mormente: políticas, económicas, sociais, entre outras.

No entanto, muitas vezes nas relações migratórias ocorrem vários actos de discriminação racial como a xenofobia, que tem sido recorrente na África do Sul onde, pelo menos nos últimos 10 anos, ocorreram mais de três episódios xenófobos com proporções alarmantes.

Existem estudos referentes à xenofobia, olhando para o contexto de integração na Comunidade de Desenvolvimento da África Austral (SADC), pois este fenómeno fecha as oportunidades desta integração. Entretanto, o presente estudo procura analisar o impacto socioeconómico da xenofobia ocorrida na África do Sul, nos distritos de Chibabava e Machanga, na província de Sofala, pois, estes distritos moçambicanos se situam nas zonas limítrofes com a África do Sul e têm um histórico de migração permanente e constante para aquele país, orientando-se pela seguinte pergunta de partida: que impactos socioeconómicos a xenofobia trouxe na vida dos emigrantes e das suas famílias nos distritos de Chibabava e Machanga?

1. 2. Objectivos

1.2.1. Objectivo Geral

- Analisar o impacto socioeconómico da xenofobia ocorrida na África do Sul na vida dos emigrantes e das suas famílias nos distritos de Chibabava e Machanga, na província de Sofala, zona centro de Moçambique.

1.2.2. Objectivos específicos

- Avaliar as consequências da xenofobia nas famílias dos emigrantes;
- Identificar as causas que provocam a xenofobia na África do Sul;
- Descrever as razões que levam ao trabalho migratório na África do Sul;
- Apresentar as propostas alternativas à não ocorrência da xenofobia.

1. 3. Perguntas

- Que consequências o fenómeno da xenofobia traz nas famílias dos emigrantes?
 - Quais são as causas que provocam a xenofobia na África do Sul?
-

- Quais são as razões que levam ao trabalho migratório na África do Sul?
- Que propostas alternativas à desenvolver para não ocorrência da xenofobia?

1.4. Justificativa

A Xenofobia é a atitude discriminatória de uma pessoa ou de uma comunidade em relação a outra, motivada por preconceitos culturais, religiosos ou de sentimento patriótico, culminando com segregação racial. Assim, olhando para o mundo, observa-se que estas atitudes tendem a aumentar, particularmente porque os conflitos políticos e a fome têm motivado muitas migrações da África para outros continentes, ou internamente.

Por meio das Mídias tem-se acompanhado várias atitudes de Xenofobia que culminam com milhares de mortes no Pacífico, nas muralhas construídas para impedir a entrada dos estrangeiros e até na África, onde o comportamento discriminatório contra os migrantes nas suas terras resulta em perdas ou até de mortes. Em termos específicos, destaca-se os incidentes da África do Sul contra os Moçambicanos.

Assim, julga-se que o estudo tem relevância científica à medida que dá a conhecer a realidade vivenciada pelas pessoas que passaram pela experiência de xenofobia na África do Sul, o que pode servir a academia para estudos futuros. Para além deste, a comunidade local, junto das autoridades poderá conhecer os impactos trazidos por este fenómeno, e obter subsídios de modo a evitar a ocorrência da migração por um lado e da xenofobia por outro.

2. Fundamentação teórica

2.1. Conceitos da Migração

A migração é um tema recorrente no âmbito das ciências sociais, no contexto político, económico e cultural. O conceito de migração, bem como as suas derivações, nomeadamente emigração e imigração, é entendido a partir do fenómeno migratório a um simples movimento de pessoas. A Enciclopédia Luso-Brasileira de cultura (1983) define a migração como “a deslocação de pessoas de um país ou território para outro mais ou menos afastado, deslocação associada a mudanças temporárias ou definitivas do local de residência” (p. 656).

Como se pode depreender do conceito, a migração é o acto de deslocar-se de um território para o outro de forma temporal ou definitiva, porém, ela pode ser provocada por causa de fenómenos naturais, lugares com a ocorrência de desastres ambientais (secas, frio intenso, calor excessivo etc), ou por razões económicas e políticas, ou devido à guerra, conflitos e perseguições.

No decorrer da história, entre o século XVI até as primeiras décadas do século XX para Silva, (2015), o principal movimento migratório ocorria da Europa para outros continentes, já que alguns países

européus foram colonizadores dos países de América, África e Ásia. Depois das independências dos países colonizados, o fluxo migratório passou a ser muito maior no sentido contrário, dos países subdesenvolvidos para os países desenvolvidos. Em muitos casos, a maioria dos migrantes gostam dos países que têm economias mais estáveis. (p. 37).

As Nações Unidas nas Recomendações sobre as estatísticas da Migração Internacional (UN, 1998), refere que “a migração é uma mudança de espaços político-administrativo com alguma duração, por implicar uma alteração de residência, e permitindo assim uma distinção entre migrações e outras formas de mobilidade que não têm implícita essa mudança de residência” (p. 17).

Para Jackson (1991), o fenómeno migratório define-se numa tripla dimensão:

Em primeiro lugar teremos que encarar a migração como [...] uma marcada movimentação através de uma fronteira administrativa bem definida [...]. Em segundo lugar, a migração terá de ser um fenómeno contínuo dentro de um dado limite temporal [...]. Terceiro, a migração terá de envolver necessariamente uma transição social bem definida, implicando uma mudança de estatuto ou uma alteração no relacionamento com o meio envolvente, quer físico quer social (pp. 5-6).

Neste contexto, percebe-se que a migração deve ser entendida num prisma tridimensional, isto é, implica uma movimentação de um território ao outro; num período que pode ser determinado ou indeterminado de acordo com o contexto migratório, e envolve uma mudança dos modos de vida, pois, há contactos interculturais que geram mudanças sociais.

2.2. O contexto da migração de Moçambique para África do Sul

As demarcações das fronteiras coloniais africanas estabelecidas na Conferência de Berlim em 1885, nem sempre transformaram radicalmente as dinâmicas de circulação local. A histórica ligação de Moçambique com a África do Sul, através dos movimentos migratórios, continua a envolver bastante a circulação de pessoas. Isto vem dos tempos remotos da história da colonização (século XVI até 1975), onde as migrações internas e internacionais estiveram confrontadas pelos regimes coloniais sem que esses tivessem um total e absoluto controlo sobre pessoas e territórios, como explica Silva (2015), “o Estado colonial Português, à semelhança de outras potências colonizadoras, optou estratégias e medidas para promover ou prevenir o movimento migratório, desenvolvendo assim o próprio império, para estender a autoridade do Estado e extrair riqueza da mobilidade” (p. 451).

Como se pode ver, o Estado português, como os outros estados, consideravam a migração como base para a fortificação dos seus governos, pois por meio destas adquiriam riquezas que os tornava robustos economicamente. Portanto, é neste contexto que as relações migratórias se tornaram mais frequentes.

Neste período colonial, os moçambicanos migravam para África do Sul por necessidades de mão-de-obra, inicialmente reguladas pelo sistema escravista, substituído posteriormente por um sistema de recrutamento forçado. Como refere Alexandre (1991), “ao longo deste extenso período do tráfico de escravos, Portugal tinha sido responsável pelo tráfico de 1.8 milhões de africanos” (p. 452).

Após a independência de Moçambique e à sua constituição do Estado soberano, manteve-se, de certa forma, a mesma lógica constrangedora do movimento e mobilidade, ocasionada pelos conflitos e violências exercidas sobre as populações. Para Bakewell (2015), “durante os longos anos de guerra civil de dezasseis anos em Moçambique (1975- 1992), as migrações internacionais foram determinadas pela necessidade de fuga aos conflitos internos, em especial para os países vizinhos” (p. 543).

Contudo, após a guerra dos dezasseis anos, criou-se condições de mobilidade de retorno de refugiados ao país de origem; neste período, as migrações tinham como objectivo a procura de melhores condições de vida, ligadas ao trabalho ou estudos, facto que atualmente também é o motivo principal da migração.

De acordo com Rodrigues (2018), nas últimas décadas Moçambique tem mostrado sinais positivos de crescimento económico, principalmente, através de megaprojecto, todavia este factor positivo não travou o movimento migratório, porque os megaprojectos limitam a absorção de trabalhadores nacionais pela falta de qualificação. Diante desta realidade, os migrantes encontram uma abertura por parte do país vizinho, que dada a demanda, acolhe também os trabalhadores menos qualificados, que desenvolvem trabalhos diversificados: na construção civil, nas actividades comerciais “mukeristas” nas minas ou até em actividades domésticas.

2.3. Xenofobia na relação migratória Moçambique - África do Sul

Ao falar da xenofobia na relação migratória, o Dicionário da Língua Portuguesa Silva, A, M (1958), explica que o termo xenofobia provém do conceito grego composto por *xenos* (“estrangeiro”) e *phóbos* (“medo”). A xenofobia faz, deste modo, referência à aversão a pessoas estrangeiras e baseia-se num conjunto de princípios ideológicos e políticos que se traduzem no repúdio de tudo quanto seja estrangeiro. Assim, a xenofobia é uma atitude de rejeição humana ao seu semelhante sendo estrangeiro; um sentimento de ódio, receio e hostilidade face à presença de pessoas migrantes.

A xenofobia vem sendo um fenómeno relacionado com as dinâmicas migratórias empreendidas por vários povos e estreitamente dependente das economias estrangeiras e, para Moçambique, em particular da África do Sul, pois este, tem laços etnolinguísticos desde o sul do Rio Save, do corredor da Beira ou mesmo próximo das regiões fronteiriças (Ressano Garcia, komatipport e Namaacha).

À medida que são criadas as condições de fixação dos estrangeiros, surgem novas oportunidades de negócio, aumentando a circulação e a fixação de pessoas na área dos grandes projectos e arredores. Nesta perspectiva, surge o medo e ódio pelos estrangeiros em usurpar as oportunidades e benefícios que almejam. Nesta senda, os nativos lançam o terror para com os seus semelhantes, com argumentos de serem eles usurpadores das suas oportunidades em termos de bens e serviços. Contudo, vê-se desses estrangeiros a única oportunidade, ser de expulsá-los e apropriar dos seus bens e serviços.

No entanto, a xenofobia é comum no mundo moderno, devido às mudanças da globalização, através da migração. Trata-se de um medo arcaico, de invasão inconsciente, de perder a identidade própria, combinados com o medo da situação económica, social e política de uma comunidade. A crise económica e social sentida em diversos países subdesenvolvidos é o ponto de partida para uma manifestação agressiva de xenofobia, que se vive reflectida na nossa sociedade contemporânea.

Nota-se também que os meios de comunicação contribuem para o desenvolvimento da xenofobia ao apresentarem os costumes e culturas estrangeiras como dimensões estranhas e alheias à identidade nacional. O exemplo da rádio “*mil colines*” durante o tempo do genocídio de Ruanda é o caso patente. O papel deste rádio foi a propaganda para extermínio da etnia tutsi. O aumento do desemprego, a crise económica e os despedimentos massivos são caracterizados por factores, causas e necessidades diferentes da imigração (Garça, 2011).

De acordo Otavio, (2021) no período de 1994 a 2018, a África do Sul registou um pouco mais de 520 incidentes de xenofobia, contabilizando-se 309 mortos e milhares de indivíduos expulsos e com estabelecimentos vandalizados, para além de bens saqueados.

Entre tantos incidentes xenófobos, importa destacar alguns que foram mais marcantes para o povo moçambicano, nomeadamente: em 1994, estrangeiros, entre eles moçambicanos, residentes em Alexandra e Township foram expulsos, culpados, pela alta taxa de criminalidade, desemprego e violência; em 1998, dois senegaleses e um moçambicano foram lançados para fora do comboio em movimento, porque um grupo de sul-africanos culpava os estrangeiros pelo surto do HIV/SIDA, naquele país; em 2008, em Alexandra e em diversas partes do país registaram-se ataques xenofóbicos, que resultaram em 62 mortos e 670 feridos, para além de dezenas de mulheres estupradas e milhares de comerciantes que tiveram os seus estabelecimentos saqueados; em 2009, nas proximidades de Cape Town foram expulsos vários residentes imigrantes; em 2012 foram deportados 125 imigrantes acusados de xenofobia; em 2015, em Kuwa Zulu foram registados 15 mortos e 2 mil expulsos; em 2018, em diversas partes da África do Sul notabilizaram-se 42 casos de xenofobia (Otavio, 2021). Entretanto, diante destes cenários xenófobos, em 2019, cria-se *The National Action Plan to combat racism, racial discrimination, xenophobia and related intolerance* (NAP) na busca de soluções deste grande problema.

Assim, quer a África do Sul de um modo particular, quer a África de um modo geral, espera ver uma redução ou uma extinção total do racismo, da intolerância, da discriminação e da própria xenofobia, seja para a convivência pacífica, seja para a integração regional.

3. Metodologia

A metodologia deste estudo é predominantemente qualitativa e descritiva, pois baseou-se, numa primeira fase, na revisão da literatura dos principais conceitos, tais como migração e xenofobia; em seguida na pesquisa de campo com a colecta de dados baseada em entrevistas semiestruturada a 40 intervenientes dos distritos de Chibabava e Machanga e, finalmente, desenvolveu-se a análise e interpretação de dados. A escolha deste método deve-se à necessidade de valorizar cada depoimento, pois, segundo Chizzoti (2000), na pesquisa qualitativa, todas as pessoas que participam da pesquisa são reconhecidas como sujeitos que elaboram conhecimentos e produzem práticas adequadas para intervir nos problemas que identificam.

O método descritivo procura descrever os impactos socioeconómicos da xenofobia nas famílias dos emigrantes à África do Sul residentes naqueles distritos. Foram identificados três tipos de entrevistados, nomeadamente: (i) pessoas que trabalharam na África do Sul e que actualmente investiram nos

respectivos distritos; (ii) aqueles que trabalham nesse país vizinho e se encontravam de férias em família e (iii) membros de famílias com imigrante na África do Sul.

A escolha da amostra foi aleatória, pois em cada distrito, Machanga e Chibabava, usou-se um guia local que conhecia pessoas que pertenciam ao grupo de estudo. Neste contexto, foram feitas visitas ao domicílio para dialogar com as 40 pessoas identificadas (sendo 20 de cada distrito), procurando conhecer o impacto da xenofobia nas famílias e nos distritos do estudo.

Na colecta de dados usou-se como método o diálogo interpessoal, guiado por questionário previamente preparado para o efeito. O instrumento de colecta de dados era composto por duas partes: a primeira constituída pelos dados sócio demográficos e a segunda por perguntas relativas aos impactos socioeconómicos da xenofobia nas famílias e na comunidade em geral.

Em cada família era improvisado um lugar para a colecta de dados e o tempo de entrevista variava entre 20-30 minutos. Após o consentimento informado e a autorização do uso dos depoimentos por parte dos entrevistados desenvolvia-se a entrevista em forma de uma conversa sobre a experiência directa ou indirecta da xenofobia na África do Sul. Para facilitar a colecta de dados o guia, em alguns casos, servia de intérprete da língua Cindau para o português e vice-versa.

Os dados sócio demográficos, foram analisados pelo programa SPSS (Pacote Estatístico para as Ciências Sociais); o conteúdo dos depoimentos foi transcrito para o documento do Word e em seguida analisado de acordo com seis categorias previamente definidas, nomeadamente: (i) conceito de xenofobia; (ii) causas da xenofobia na África do Sul; (iii) razões da migração a África do Sul; (iv) benefícios da emigração a África do Sul; (v) consequências da xenofobia nas comunidades de Chibabava e Machanga; (vi) propostas de soluções para não ocorrência da xenofobia.

4. Apresentação, análise e discussão dos resultados

4.1. Apresentação, análise

Os dados obtidos durante a pesquisa permitiram a compilação dos resultados relativos às características amostrais e à sensibilidade dos entrevistados, no que diz respeito aos impactos socioeconómicos da xenofobia vivida na África do Sul.

4.1.1. Dados demográficos

As características sociodemográficas constituem um elemento importante e indispensável em qualquer tipo de estudo, pois nos revelam o tipo de respondentes, o que garante, até certo ponto, a qualidade dos dados adquiridos. Assim, para este estudo três características foram importantes, nomeadamente: o género, a idade e o tempo de emigração para a África do Sul.

Tabela 1. Dados sociodemográficos dos entrevistados de Machanga e Chibabava

Dados sociodemográficos			
Participantes	Homens	26	65%
	Mulheres	14	35%
Idade	18-30	13	32.5%
	31-40	15	37.5%
	41-60	12	30%
Tempo de emigração	Pouco tempo (1 a 5 anos)	13	32.5%
	Bastante tempo (6 a 10 anos)	14	35%
	Muito tempo (mais de 10 anos)	13	32.5%

De acordo com a tabela 1, os dados sociodemográficos ilustram que 65% eram homens e 35% eram mulheres, facto que pode ser explicado pela natureza patrilinear destas comunidades, isto é, sempre que o homem estiver em casa é ele quem responde pela família.

O segundo item importante é a idade dos entrevistados. Com base nos dados, percebe-se que 32.5% têm uma idade de 18 a 30 anos; 37.5% têm uma idade de 31- 40 e, finalmente, 30% dos entrevistados têm uma idade de 41 a 60 anos.

No que concerne ao tempo de emigração, as entrevistas mostram que 32.5 % os entrevistados ou seus familiares estão na África de Sul a pouco tempo, ou seja, entre 1 a 5 anos, 35% está a bastante tempo, o que representa de 6 a 10 anos e o restante 32.5 % há muito tempo, o que significa mais de 10 anos.

4.1.2. Conceito de Xenofobia

No estudo, foi importante obter as percepções dos entrevistados em volta da xenofobia e todos já tinham ouvido falar deste fenómeno e vivenciaram-no directamente e/ou indirectamente, conforme os depoimentos expressam a xenofobia como:

1. **Uma ofensiva de expulsão:** “Estão a correr com todos os nossos filhos”; “Perseguição pelo estrangeiro”;
2. **Um sentimento de antipatia:** “É ódio pelo estrangeiro”; “Maus-tratos dos moçambicanos feitos por Sul-africanos;

3. **Uma atitude de protesto ou reivindicação:** “É greve dos sul-africanos contra aqueles que saem do exterior”;
4. **Uma segregação racial:** “Violência e mental”; “É *Apartheid*, os sul-africanos já não querem estrangeiros”.

Como se pode perceber a xenofobia é percebida com base nas atitudes perpetradas pelos sul-africanos. Nos dois distritos há semelhanças, pois a xenofobia é: ódio, maus-tratos, expulsão, greve, retaliação, *Apartheid*, batimento, corrida, perseguição, tragédia, rejeição, ameaças, lutas, mortes de pessoas, queima de casas, pilhagem, violência mental. Estas expressões dos actores sociais em relação ao fenómeno em estudo, remetem aos conceitos apresentados nas literaturas.

4.1.3 Causas da Xenofobia na África do Sul

Debruçando-se na busca das causas da xenofobia na África do Sul, foi possível perceber que os entrevistados entendem que as causas deste mal são:

1. **A concorrência salarial:** “Escassez de competitividade de emprego para com os estrangeiros”, “Mão-de-obra barata com que os moçambicanos aceitam e eles não vem o poder de negociação”;
2. **O emprego:** “Os nativos alegam estar a tirar emprego deles”;
3. **A antipatia:** “Simplesmente por ódio ao estrangeiro, “daqueles estrangeiros que não tem DIRE”;
4. **A vida local:** “Fome dos nativos em relação aos estrangeiros”.

Nas causas apresentadas, estão patentes dois tipos de causas exógenas e endógenas, isto é, internas e externas. Por um lado, estão as causas impulsionadas pela presença dos estrangeiros no território sul africano, como por exemplo: a concorrência na procura do emprego, mas também estão as causas internas como é o caso da fome que é mencionada, a falta de emprego, o comportamento vândalo de alguns sul-africanos.

4.1.4. Razões da migração a África do Sul

Tomando em consideração que as comunidades dos distritos de Machanga e Chibabava pertencem a uma nação, que de um modo geral não precisaria emigrar para África do Sul, foi importante tentar buscar as razões que fazem com que a maior parte desta comunidade se emigre para este país vizinho. Assim, entres as razões emigratórias, foram apontadas as seguintes:

1. **Económicas:** “A economia sul-africana é mais robusta que a moçambicana”; “Sofrimento e não ter emprego por cá”;
2. **Culturais:** “Meu bisavô trabalhava na África do Sul”; “Hábito, língua e melhoria de condições nas famílias”;

3. **Educacionais:** “Cresci na época de guerra e não estudei e achei melhor ir na África do Sul procurar emprego”; “O meu marido tem o nível académico elementar”.

Percorrendo as premissas apresentadas pelos entrevistados, no que tange as razões da atitude emigratória da maioria dos membros das comunidades de Chibabava e Muchungue, salienta-se as seguintes razões: a falta de emprego local; baixa escolaridade; a moeda local depreciada em relação a sul-africana; os hábitos culturais, a pobreza e a busca de melhores condições de vida.

4.1.5. Benefícios da emigração a África do Sul

No estudo também foi pertinente trazer o benéfico que advém da acção emigratória pela maior parte dos residentes dos dois distritos. Assim, estes referem a existência de ganhos significativos, na melhoria da sua vida familiar, em particular, como se pode ver nas seguintes unidades de registo:

1. **Familiares:** “Alavanca a família, enviando coisas”, “Ajuda a família na renda escolar”, a construir essa moradia condigna a partir dessa actividade”.
2. **Empreendedorismo local:** “Ajuda a empreender, pois compra material informático na África do Sul e envia para mim, e eu revendo”; “A vida tem melhorado.”
3. **Patrimonial:** “Conseguiu construir essa casa e continua a garantir a renda familiar aqui em casa”; “ganhei quatro casas e camiões, alimento minha família”.

A partir do exposto acima é possível perceber que a comunidade local, assim como os familiares dos emigrantes da África do Sul, têm tido muitos benefícios, entre eles: a melhoria da renda familiar, construção de casas melhoradas, estudos das crianças, aquisição de bens como: moagens, gados bovinos, machambas, bancas, carros, motorizadas, casas de aluguer para família, para além de garantir boa estabilidade e desenvolvimento da família. Mas há quem referiu continuar sem ganhos dos seus filhos que vivem na África do Sul.

4.1.6. Consequências da Xenofobia nas comunidades de Chibabava e Machanga

Ao estudar os impactos da xenofobia na África do Sul, foi pertinente analisar as consequências deste acto nas comunidades de Machanga e Chibabava, que são evidenciadas das expressões seguintes:

1. **Familiares:** “Luto e desgraça na família”; “Perca de familiares, bens, ficam viúvas e órfãos”;
 2. **Financeiras:** “Diminuição da renda, receita familiar”; “ficamos tanto tempo sem receber ordenados”
 3. **Físicas:** “Um dos meus filhos tem cicatrizes”; “O tio recebeu pancadas”
 4. **Psicológicas e emocionais:** “Quando ouço isso, eu como mãe provoca-me tensão e fico sem vontade de comer e dormir”; “Coração dói e a pobreza familiar aumenta”
-

Com base nos dados acima citados, pode-se perceber que os entrevistados apresentam consequências negativas e dramáticas, tais como: mortes que criaram desgraças e sofrimento nas famílias, pois, muitas mulheres ficaram viúvas e as crianças órfãos de pais; falta de dinheiro para sustentar as crianças e dar apoio escolar, prejuízos à saúde e estabilidade psicológica, em suma, trouxe muita mágoa e pobreza nas famílias e comunidades em estudo.

4.1.7. Propostas de soluções para não ocorrência da Xenofobia

Depois de ter-se percebido que a xenofobia trouxe impactos negativos nas comunidades em estudo, considerou-se pertinente trazer as possíveis soluções, na óptica dos entrevistados, para não ocorrência da xenofobia. Daí surgiram as seguintes propostas:

- 1. Comportamento dos emigrantes:** “No caso de acontecer, avisei o meu filho para se juntar aos outros moçambicanos”, “Evitar sair de casa de qualquer maneira e procurar meios alternativos locais de se salvar”;
- 2. Diálogo entre estados:** “Que os presidentes conversem em torno do assunto”, “Que os governos tomem a sério esse fenómeno”;
- 3. Valorização nacional (patriotismo):** “Que voltem a casa antes de serem mortos no estrangeiro”, “Aconselho a voltar a casa em caso de grave”.

Olhando para estas exposições, pode-se perceber que as comunidades consideram que há necessidade de diálogo entre os governantes dos dois países ou ainda na região para facilitar o processo de inclusão social; há necessidade de os estrangeiros terem hábitos que lhes dê seguranças como: morar em grupos, não sair de noite, ter menos relações com os nativos, de modo a evitar o ódio, não ser ilegal, e sempre que houver actos similares a melhor solução é voltar a casa.

Outra solução seria de evitar emigrar-se a África do Sul e investir localmente e não pensar em voltar, pois, corre-se risco de vida, há necessidade de criarem-se empregos locais, também surge a proposta de ficar por lá, mas com mais prudência, estando atentos aos alertas da xenofobia.

4.2. Discussões dos resultados

O fenómeno da xenofobia é uma realidade vivenciada e sofrida pelos emigrantes dos dois distritos em estudo ao saírem do seu lugar de origem. Todavia, se sentem incapazes de contornar a situação. Os Estão confrontados com este dilema: por um lado a situação socioeconómica nacional marcada por vários desafios da vida quotidiana e pela “falta de tudo”, por outro lado um país vizinho, a África do Sul, que oferece oportunidade de uma “vida melhor”. Perante essa dicotomia, algumas famílias optam por emigrar apesar desse fenómeno de xenofobia, porque é lá onde eles conseguem ter emprego como fonte de rendimento familiar.

Desde já, a xenofobia torna-se um factor com impactos negativos para a maioria de famílias que vivem e dependem economicamente dos emigrantes. A pesquisa no campo mostrou, realmente, nos dois distritos, pessoas preocupadas com esse fenómeno que traz a desgraça e o sofrimento a muitas famílias.

Os emigrantes moçambicanos na África do Sul reconhecem a barbaridade desse fenómeno de xenofobia que é um crime organizado, um terror contra estrangeiros, apesar de tantos anos de convivência.

A SADC que devem ter um papel preponderante na erradicação deste mal. Pois a pesquisa mostrou claramente que existem indícios crescentes de insatisfação e intolerância para com emigrantes oriundos dos países vizinhos que se leva a essa desconfiança.

Pode-se pensar que a xenofobia na África do Sul é alimentada pelo espírito de “nacionalistas” que defendem um sentimento de “autoctonia”. É nessa perspectiva que surge, evidentemente, a tendência de ódio e actos criminosos, apoiados muitas vezes nos direitos individuais enquanto cidadão que se sobressai aos direitos humanos colectivos, legitimados sobre as vestes de uma democracia de carácter liberal (Bastos, 2016).

5. Conclusão

A literatura aqui apresentada e discutida com os dados recolhidos no campo, percebeu-se que a migração é um fenómeno humano que traz consigo impactos positivos e negativos para as diferentes comunidades envolvidas no acto migratório. Esta constatação surgiu pelo facto de se ter percebido que, desde antiguidade, os homens sempre migraram de um lugar para o outro, por várias razões e os fenómenos de discriminação e racismo, assim como de xenofobia, sempre ocorreram.

Olhando para a situação resultante da xenofobia na África do Sul, constatou-se que esta atitude está associada ao facto de a maior parte de sul-africanos sentir uma aversão contra os estrangeiros, por ver que estes lhes tiram as oportunidades de empregos, não há concorrência salarial, a condição de vida local não é satisfatória e vivem em meio a muita incerteza.

No que tange aos impactos nas zonas de origem destes estrangeiros, como é o caso dos emigrantes dos distritos Chibabava e Machanga, pode-se afirmar que são predominantemente negativos devido a luto nas famílias dos migrantes, amputação de membros, dedução do rendimento financeiros para as famílias, para além dos danos psicológicos e emocionais. Porém, as comunidades também destacam a existência de impactos positivos, tais como: o regresso de familiares e o investimento local proporcionado pelos emigrantes, entre outros.

No concernente a busca de soluções para o problema, os dois governos em causa são chamados a ter uma postura mais activa para colmatar este mal. O governo moçambicano é chamado a tomar uma atitude mais radical de repudio a este comportamento e os emigrantes moçambicanos devem tomar mais uma vez a dianteira neste combate do mal que emerge na África do Sul, evitando e resistindo à manipulação de pessoas mal-intencionadas.

O governo é, ainda, chamado a investir na educação, pois é de extrema importância alocar àquelas comunidades mais escolas, que possibilitem o desenvolvimento académico e profissional daquelas comunidades, para além de dar cursos de curta duração que os habilitem a ter iniciativas criativas na busca de auto emprego.

Nestes termos há necessidade de, a nível local, buscar-se iniciativas que visem a melhoria de condições de vida das comunidades, isto é, na busca de redução dos níveis de pobreza, naquelas comunidades, através do desenvolvimento do empreendedorismo, a partir do financiamento às comunidades.

6. Referências bibliográficas

Alexandre, V. (1991). Portugal e a abolição do tráfico de escravos (1834-51), *Análise Social*, 26(111), 293-33. Recuperado em https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2019/05/artigo_cristina.pdf

Bakewell, O. et al. (2015). Moving from war to peace in the Zambian-Angola borderlands. In *Mobility*

Bastos, F.B.C. (2016). Teorias a partir do Sul global: o caso da xenofobia na África do Sul pós-apartheid (2000 –2015). *XV Encontro Regional de História*. Curitiba.

Chizzotti, A. (2000 4ª ed.). *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. San Paulo: Cortez Editora.

Recuperado em http://www.ia.ufrrj.br/ppgea/conteudo/conteudo-2010_1/2SF/Claudio/5_Pesquisas_em_Ciencias_Humanas_Sociais.pdf

Enciclopédia Luso-Brasileira de cultura (13ª ed.). (1983). Lisboa, Portugal: Verbo.

Garça, C. (2011). O Dicionário. Xenofobia. In *Laboreal*, vol. VII, nº 2. pp 86-89. Recuperado em http://laboreal.up.pt/files/articles/86_89e.pdf.

Makes States: Migration and Power in Africa, 194-217. Filadélfia: University of Pennsylvania Press.

Jackson, J. A. (1991). *Migrações*. Lisboa, Portugal: Escher.

Silva, A., M. (1958). *Grande Dicionário da língua portuguesa*. (10ª ed.). Lisboa, Portugal: Confluência.

Silva, R. da F. (2015). Portuguese empire building and human mobility in São Tomé and Angola, 1400s-1700s. In D. Vigneswaran & J. Quirk (eds.), *Mobility Makes States: Migration and Power in Africa*. Filadélfia: University of Pennsylvania Press, 37-58

Otavio, A. (2021). Inserção Regional em tempos de intolerância: imigração, xenofobia e os desafios à África do Sul pós-apartheid. *Revista Carta Internacional*, Belo Horizonte, v. 16, n. 1, e1086, 2021 1-25

Rodrigues, C.U. (2018). Migração, Movimentos e Urbanização em Angola e Moçambique, em Forquilha S, *Desafios para Moçambique* (p. 456), Maputo: IESA

United Nations (UN). (1998). Recommendations on Statistics of International Migration. Statistical.

Papers Series M, St/Es/Stat/Ser.M/58/Rev.1 Recuperado em: http://unstats.un.org/unsd/publication/SeriesM/seriesm_58rev1e.pdf
